

Senhor Presidente da República, Senhor Prof. Doutor Marcelo Rebelo de Sousa

Senhor Presidente da Mesa da Assembleia Geral cessante, Prof. Alexandre Alves Costa

Senhor Presidente da Ordem dos Arquitectos cessante, Arq.º João Santa-Rita

Senhor Presidente da Mesa da Assembleia Regional Sul cessante, Arq.º João Pedro Falcão de Campos

Caros colegas dos órgãos nacionais e regionais norte e sul que agora cessam funções

Caros colegas dos órgãos nacionais e regional sul que hoje iniciam funções

Caros colegas e convidados,

Tem sido por todos referido que estas foram as eleições mais concorridas com uma participação record acima dos 4 mil votantes. Se isto só nos pode alegrar a todos, deixa-nos ainda longe de uma mobilização e da abrangência que necessitamos aumentar, numa aproximação da Ordem aos seus membros que consideramos absolutamente necessária para que esta possa ser o veículo representativo da salvaguarda e defesa dos direitos de todos os arquitectos.

Uma defesa que passa pela exigência de que sejam respeitados os nossos direitos profissionais num entendimento do papel cultural desta actividade no cumprimento e salvaguarda de uma ética profissional que defendemos, mas que temos também de ser os primeiros a praticar.

Esta casa onde estamos é um repositório das memórias dos que nos antecederam, desde os pioneiros que no início do século passado pagaram do seu bolso os selos para enviar a correspondência para os colegas e assim fundarem essa primeira Associação.

Designava-se Sociedade dos Arquitectos Portugueses e nela os arquitectos pretendiam “ver resolvido o problema (...) de que a arquitectura é da exclusiva atribuição do arquitecto”.

Debatemo-nos profissionalmente com uma série de problemas, muitos dos quais sabemos que estão para além das capacidades de intervenção directa da Ordem, mas onde sabemos também que ela pode e deve ter um papel cívico e político de que se tem por vezes alheado.

Problemas que têm a ver com o nosso enquadramento europeu mas também com a difícil conjuntura nacional. Problemas que decorrem de toda uma série de alterações sócio económicas que em poucos anos modificaram radicalmente o território em que nos enquadrámos, alterando substancialmente o modo como a profissão é exercida e que exigem agora todo um reenquadramento económico e social.

Problemas que vão da significativa falta de trabalho, até à impossibilidade legal de dispormos de uma tabela de honorários; das dificuldades de acesso dos mais novos à actividade profissional; de alterações verificadas na própria estrutura dos gabinetes até ao acesso à encomenda, seja ela pública ou privada, mas que se prolongam a todo um novo quadro normativo e a toda uma estrutura produtiva sempre muito mais atenta aos aspectos quantitativos do que às necessidades qualitativas.

Reinvindicamos o reconhecimento da importância da função social da arquitectura e do papel dos arquitectos na sociedade enquanto agentes económicos mas sobretudo enquanto criadores e divulgadores de cultura.

Soubemos, ao longo destes quase 120 anos de vida que temos como associação profissional, garantir uma série de conquistas que nos trouxeram até ao que hoje somos. Temos agora que encontrar os modos de responder aos desafios com que nos confrontamos. Um percurso que se constroi nos equilíbrios entre necessidades e vontades sempre contraditórias onde não posso deixar de destacar o exemplo daquele que foi o grande obreiro de muitas das mais recentes transformações. Uma pessoa que sempre me habituei a olhar com admiração e pude depois ter como amigo: o colega NTP.

É todo esse património de memórias que temos agora a responsabilidade de saber continuar.

Lisboa, 2017.Fev.07